

## Alguns temas em Lygia Fagundes Telles

*Suênio Campos de Lucena<sup>1</sup>*

Até o momento, a escritora paulista Lygia Fagundes Telles lançou quatro romances e oito livros de contos (além de três livros de “ficção e memória” e duas antologias de contos), já traduzidos para diversos países, como França, Estados Unidos, Itália, Alemanha e Espanha e adaptados para a TV, teatro e cinema. Hoje, passados tantos anos desde que se lançou, a escritora já deixou sua marca não apenas como uma das maiores ficcionistas do Brasil, mas também como importante personagem da nossa vida cultural. Mas, a despeito de sua popularidade junto a um público-leitor que garante a seus livros sucessivas tiragens, assim como uma constante publicação de perfis, entrevistas e matérias jornalísticas, que costumam lhe chamar de “a maior escritora brasileira viva” ou “a dama da literatura brasileira”, sua vasta produção ficcional ainda necessita de mais estudos e análises.

Lygia Fagundes Telles nasceu em 19 de abril de 1923, na cidade de São Paulo. Em 1938, aos 16 anos, ainda uma adolescente, “uma jovem de boina”, como gosta de dizer, lança seu primeiro livro de

---

autor do livro de entrevistas *21 escritores brasileiros* (2001) e do livro de contos *Depois de abril* (2005).

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Seminário Internacional Mulher e Literatura em Ilhéus, 2007.

<sup>2</sup> Mestranda em Letras pela UFS.

contos, *Porão e sobrado*. Na capa, o seu nome está grafado como Lygia Fagundes. A autora bancou a edição economizando as mesadas que recebia do pai. Por que lançar um livro de contos? Ela responde: “Bem, quando mudamos para São Paulo e eu entrei no Instituto Caetano de Campos, comecei a escrever os contos que depois reuniria em *Porão e sobrado*. Num determinado momento, eu me dei conta de que as pessoas que escreviam tinham livros publicados – e eu quis ter o meu”. À época, a jovem ficou radiante ao ver o livro impresso numa gráfica do centro, mas será motivo futuro de arrependimento e insatisfação, assim como o livro seguinte – lançado em 1943, *Praia viva*, assim como o anterior, não serão mais reeditados. Em “Mysterium”, texto de *Durante aquele estranho chá*, ela afirma: “Recuso os meus primeiros livros (as precipitadas apostas) que considero prematuros, começo a contagem a partir do romance *Ciranda de pedra*. Esse romance ficou sendo o divisor de águas dos livros vivos e dos outros”. A autora justifica a atitude devido à pressa à época em estreitar, mas, ao lermos hoje seus livros iniciais, devemos reconhecer que, apesar da simplicidade dos enredos e da pequena elaboração estética, está lá o germe de uma obra que vai abordar questões intimistas e psicológicas, relações entre homem e mulher, assim como, a decadência da burguesia emergente do século XX.

É por esse período, década de 1940, que Lygia conhece os escritores Mário de Andrade e Oswald de Andrade. No texto “Durante aquele estranho chá”, que dá título ao seu livro, ela relembra o encontro, quando está ingressando no curso de Direito, com o poeta Mário de Andrade na Leitaria Vienense no garoento centro de São Paulo em meio a elegantes garçons e valsas latejantes. No encontro, Mário a aconselha a prosseguir escrevendo, confiante e determinada em seu ofício. Já com Oswald de Andrade, a jovem costumava participar de saraus literários em sua casa para ouvir o escritor ler seu novo livro, *Marco zero*. Para os homens, cerveja; para as moças, guaraná e pipoca, que depois foi cortada porque o baru-

lho prejudicava a leitura. Além de Mário e Oswald, ela se corresponde com o escritor Erico Verissimo. Anos depois, organiza com colegas uma visita do escritor a São Paulo para dar uma palestra. Começa aí uma cordial amizade, desdobrada numa intensa correspondência com o escritor e sua esposa Mafalda. Relação que se estende ao filho do casal, o também escritor Luis Fernando Verissimo.

Como surge por volta da década de 40, LFT é associada à Geração 45, grupo de poetas e escritores que surgiu num período similar, como os poetas João Cabral de Melo Neto e Lêdo Ivo, além dos ficcionistas Fernando Sabino, Clarice Lispector (que se lança em 1944, com o romance *Perto do coração selvagem*) e Lúcio Cardoso, dentre outros. A marca dessa geração, segundo José Paulo Paes, é a visada introspectiva, influenciada pelo existencialismo do pensador Jean-Paul Sartre. Corrente literária que não se distancia de questões sociais (que tiveram grande destaque com a chamada Geração de 30 ou Regionalismo, cujos nomes principais são Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, Rachel de Queiroz e Érico Verissimo), mas cujo foco é o indivíduo, as “questões do eu” numa literatura de caráter introspectivo. As narrativas são ambientadas nos grandes centros urbanos (e não em regiões rurais), cujos personagens vivem em meio ao caos urbano, à solidão e a relacionamentos amorosos tormentosos. Esse é o “microcosmo” de boa parte da ficção lygiana.

São Paulo simboliza muitas das “cidades” descritas em sua obra, em geral, representada por uma *urbis* caótica; cidade pulsante que perdeu a aparente tranqüilidade cotidiana devido ao progresso desenfreado e ao individualismo exacerbado, talvez por isso a capital que emerge em muitos de seus escritos é a “São Paulo antiga” das décadas de 1940 e 1950, repleta de cafés, livrarias, leiterias, espaços em que ocorriam saraus realizados no centro da cidade, que apresentam grande movimentação cultural e intelectual, sendo frequentados por homens e mulheres que cultivam hábitos como to-

mar chá às cinco horas da tarde. Um espaço, um tempo e um grupo descritos de forma saudosista e nostálgica, marcada pela educação, rigidez de costumes, embates de moral e sistema patriarcal de mando e obediência, registro cujos elementos norteadores é a decadência. Falamos em “registro” como elemento recorrente de parte de uma cidade (o centro) e de um determinado período histórico (anos 40 e 50), fase de transição em que a cidade passa por um progresso irrefreável. A obra de Lygia reflete esse contexto de certa deterioração de costumes à medida que grande parte de seus personagens se desencontra devido às mudanças de comportamentos e a constantes embates familiares. Essa é uma das principais marcas de sua narrativa: o registro do comportamento das pessoas, da passagem da cidade-província, acolhedora, humana, dos jardins, das praças, dos bosques, enfim, da cidade que se confundia com o campo, que “se transforma” na cidade dos arranha-céus, do concreto, marcada pela solidão e violência, “selva de pedra” que esbanja projetos arquitetônicos e urbanísticos e persegue a modernidade a todo custo. Em depoimento, ela afirma: “A cidade mudou completamente. Não é mais aquela cidade em que eu ia andando para a Faculdade de Direito, atravessava o viaduto do Chá tranqüilamente, onde andavam homens elegantíssimos de chapéu. Era uma cidade tranqüila, quase pacata; nunca ouvi a palavra violência nesse período. Não havia o medo”.

Em 1954, Lygia lança o romance *Ciranda de pedra*, que passa a ser considerado como “marco inicial” de sua ficção. A rejeição a seus livros iniciais deve-se também à opinião do crítico Antonio Candido, que no texto intitulado “A nova narrativa brasileira”, incluído no livro *A educação pela noite e outros ensaios*, define *Ciranda de pedra* como marco de sua “maturidade literária”. O livro chama atenção pela quantidade de temas, como o adultério e a loucura de Laura; a rejeição vivenciada pela protagonista Virgínia, entre a infância e adolescência, a impotência (do personagem Conrado), a

homossexualidade de Letícia, entre outros. Lançado no início dos anos 1950, o romance continua atual por estar centrado nas incertezas e frustrações da protagonista Virgínia, que vive o esfacelamento familiar e da desagregação dos valores – marco do seu rito de passagem que se define pela busca por algo mais verdadeiro –, contexto social também vivido por Raíza, protagonista do próximo romance de Lygia. Sobre o livro, o poeta Carlos Drummond de Andrade afirmou: *Ciranda de Pedra* é um grande livro, e você uma romancista de verdade, eis, em resumo, o que tenho a dizer-lhe depois de ler seus originais com interesse que não excluía o espírito crítico e se foi convertendo em emoção de leitor fascinado pelo texto. Contando com grande fôlego, dispondo cenas e episódios com segurança de quem sabe o que está fazendo, criando realmente pessoas vivas e não simples personagens, você compôs um livro perturbador, que nos prende e nos assusta, que nos faz sofrer e ao mesmo tempo nos oferece o remédio compensador da própria arte.

No livro, a personagem Laura trai o marido Natércio e tem uma filha com o amante. Esta filha se chama Virgínia. Com isso, tanto Laura quanto a filha serão rejeitadas. No presente, Virgínia, com 20 anos, assiste à loucura da mãe, confinada numa casa. Laura vê raízes crescendo em suas mãos, está ficando louca. Nesse romance, Laura oscila entre a loucura e a culpa porque traiu o marido. Sozinha e abandonada pela família, acaba morrendo doente. Agora, é a vez de Virgínia enfrentar as hostilidades das meio-irmãs burguesas. Sozinha, a personagem se repetirá em outras porque representa a solidão, o abandono, a rejeição, a culpa, mas também a rebeldia e a liberdade (feminina).

Em 1963, a escritora lança seu segundo romance, *Verão no aquário*. Assim como *Ciranda de pedra*, a protagonista é uma jovem, Raíza, tradutora de livros, que mantém um caso com Fernando, jornalista casado com Luísa. O que aproxima Raíza de Virgínia, de *Ciranda de pedra*, é a mesma sensação de insatisfação e desconforto

profundo que vem da rejeição familiar, mas também da sua falta de adaptação para com o mundo e as pessoas. Como reação, ambas trocam constantemente de amores, percorrendo festas e relações fugazes que nada lhes acrescentam. Porém, aos poucos, tanto Virgínia quanto Raíza percebem a frustração de suas vidas e tentam mudar. Virgínia viaja e abandona a casa de suas duas meio-irmãs, enquanto Raíza avança para uma mudança ainda mais consciente e madura.

O período de lançamento do romance *Verão no aquário* coincide com o início da união de Lygia Fagundes Telles com o crítico de cinema e professor da Universidade de São Paulo, Paulo Emilio Salles Gomes. Ambos pertenciam a grupos de escritores e intelectuais. Ela, na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco; ele, na Faculdade de Filosofia da USP. Paulistano nascido em 1916, filho de médico sanitarista, Paulo Emilio concluiu o ginásio no Liceu Nacional Rio Branco e, tão logo iniciou o curso preparatório para Medicina, acabou se envolvendo com política, tornando-se militante da Juventude Comunista. Ainda muito jovem, integrou a Aliança Nacional Libertadora, escreveu artigos para o jornal *A Platéia* e criou a revista *Movimento*, junto com o crítico de teatro Décio de Almeida Prado. Paulo Emilio travou grandes lutas (tanto de forma teórica quanto em ações práticas) em defesa do cinema. Ajudou a criar o primeiro Clube de Cinema da cidade e trabalhou como conservador da filмотeca do MAM de São Paulo, germe da Cinemateca Brasileira. Autor de livros como *Cinema: Trajetória no subdesenvolvimento* e da biografia *Jean Vigo* (diretor francês que faleceu aos 29 anos), é referência crítica e intelectual fundamental para se pensar e produzir filmes como *Deus e o diabo na terra do sol* e *Terra em transe*, de Glauber Rocha, um dos diretores mais inventivos de sua geração que surge com o título de Cinema Novo.

Em 1970, Lygia lança o livro de contos *Antes do baile verde*, em que reúne histórias sobre a relação homem/mulher, além de explo-

rar o realismo fantástico. *Antes do baile verde* é o livro de contos mais vendido da autora. O conto que dá título ao livro venceu na França o Grande Prêmio Internacional Feminino para Estrangeiros, após ter concorrido com 360 originais de 21 países. A história aborda o sentimento de culpa da personagem Tatisa, que se prepara para festejar o Carnaval enquanto seu pai agoniza doente no quarto ao lado. Ele vai morrer ou está apenas enfermo? É a questão central que se debate Tatisa e sua empregada, que a ajuda a vestir-se para o baile de fantasias verdes. Enquanto se veste, Tatisa se pergunta se deve ir ou não, envolvida pela expectativa da festa, mas também alimentando esperanças pela recuperação do pai. Nessa situação, a sensação de culpa é inevitável e a personagem se divide em sair ou lhe fazer companhia, oscilando entre medo, culpa, indiferença e preocupação.

Além desse conto, podemos encontrar em *Antes do baile verde* muitos outros que serão reeditados em diversas antologias, como “Natal na barca” e, talvez seu conto mais conhecido, “Venha ver o pôr-do-sol”, história que pertence a uma de linha bastante profícua na autora, o fantástico. A história trata de um convite feito pelo jovem Ricardo a uma ex-namorada que ele ainda ama, Raquel, para assistir ao pôr-do-sol num cemitério abandonado. Quando eles chegam, já é fim de tarde. Em meio a declarações de amor, ele irá aprisioná-la num mausoléu abandonado. Raquel fica fechada, gritando aterrorizada enquanto ele vai embora tranquilamente. O conto aborda de forma cruel o sentimento de inveja e posse por parte de Ricardo ao saber que Raquel namora um homem rico.

É a partir desse livro que observamos uma constante em LFT: a ambigüidade em personagens que oscilam entre o bem e o mal, sem se definirem por nenhuma das posições. Há ainda destaque às relações humanas, aos desencontros, em contos como “Os objetos”, histórias que envolvem traições, como “O moço do saxofone”, “Um chá bem forte e três xícaras”, “O menino” e “As pérolas”.

No início da década de 1970, a autora vê jovens de mochila discutindo questões em torno de teatro, literatura e, principalmente, cinema. No apartamento do casal, é comum a visita de diretores como Glauber Rocha, Jean Claude-Bernadet, Paulo César Saraceni, Rudá de Andrade e muitos outros. Refletindo essa movimentação, em 1973, Lygia lança seu terceiro romance, *As meninas*, sua obra mais lida e comentada. O livro conquista grande apreço por parte da crítica e alcança rapidamente a lista dos mais vendidos.

Boa parte d'*As meninas* se passa no Pensionato Nossa Senhora de Fátima, coordenado por religiosas. As personagens principais do romance são três jovens universitárias que se destacam de maneira quase uniforme no livro e de certo modo representam a sociedade brasileira da época, ao se referir à ditadura militar, assim como, aos ícones culturais, da música, literatura etc. A partir de três visões distintas, mas que ao longo do livro se complementam – a romântica Lorena Vaz Leme, a guerrilheira Lia de Melo Schultz e a modelo Ana Clara Conceição –, as três personagens se alternam com suas próprias vozes. No livro há uma descrição bastante realista da prática de tortura praticada pela polícia da época contra os que se opunham à ditadura militar: “Carregaram-me em seguida para a chamada capela: a câmara de torturas. Iniciou-se ali um cerimonial frequentemente repetido e que durava de três a seis horas cada sessão. Primeiro me perguntaram se eu pertencia a algum grupo político. Neguei. Enrolaram então alguns fios em redor dos meus dedos, iniciando-se a tortura elétrica: deram-me choques inicialmente fracos que foram se tornando cada vez mais fortes. Depois, obrigaram-me a tirar a roupa, fiquei nu e desprotegido. Primeiro me bateram com as mãos e em seguida com cassetetes, principalmente nas mãos. Molharam-me todo, para que os choques elétricos tivessem mais efeito. Pensei que fosse então morrer. Mas resisti e resisti também às surras que me abriram um talho fundo em meu cotovelo. Na ferida o sargento Simões e o cabo Passos enfiaram um fio.



Obrigaram-me então a aplicar choques em mim mesmo e em meus amigos. Para que eu não gritasse enfiaram um sapato dentro da minha boca. Outras vezes, panos fétidos. Após algumas horas, a cerimônia atingiu seu ápice. Penduraram-me no pau-de-arara: amararam minhas mãos diante dos joelhos, atrás dos quais enfiaram uma vara, cujas pontas eram colocadas em mesas. Fiquei pairando no ar. Enfiaram-me então um fio no reto e fixaram outros fios na boca, nas orelhas e mãos. Nos dias seguintes o processo se repetiu com maior duração e violência. Os tapas que me davam eram tão fortes que julguei que tivessem me rompido os tímpanos, mal ouvia. Meus punhos estavam ralados devido às algemas, minhas mãos e partes genitais completamente enegrecidas devido às queimaduras elétricas”.

Com *As meninas*, Lygia aborda de forma explícita a realidade nacional, à época marcada pelo regime militar. A ditadura é percebida na censura ao teatro e cinema, à TV e literatura. O livro demarca uma posição de engajamento e recusa ao regime por parte da autora. Em 1976, LFT integrou um grupo de escritores e intelectuais que foram à Capital Federal, Brasília, entregar um manifesto contra a censura. 1.046 intelectuais (Antonio Candido, Chico Buarque de Hollanda, Dias Gomes, João Ubaldo Ribeiro, Jorge Amado e Rubem Fonseca, dentre outros) assinaram um documento que ficou conhecido como *Manifesto dos Mil*, pedindo o fim da censura. Lygia seguiu para Brasília com um grupo a fim de entregar a lista ao então ministro da Justiça, Armando Falcão, mas o grupo não foi recebido – episódio narrado em seu livro *Conspiração de Nuvens* (2007).

*Seminário dos ratos*, livro de contos de 1977, reforça uma *visada* ainda mais social, retomada pela autora desde *As meninas*. Até então, Lygia sustentava sua obra em duas linhas centrais – a discussão de relacionamento homem/mulher, priorizando, como vimos, os embates que resultam em desencontros; e, numa outra “linha de

criação”, as histórias em torno do gênero fantástico, como “A caçada”, “A mão no ombro”, “O noivo”, “WM”, “As formigas”, dentre muitos outros, que têm como mote o mistério e a morte. Agora, cada vez mais próxima de temas sociais, a autora alarga ainda mais sua inserção junto aos marginalizados e excluídos, conforme os contos “Pomba enamorada”, “Senhor diretor” e “O x da questão”. Mas, vale lembrar, sua “marca” está visível em continuar explorando o mistério em histórias que mesclam suspense e terror. Aliás, o tema do fantástico é tão recorrente em sua obra que daria origem a um livro chamado *Mistérios*, de 1980, reunião de dezenove contos sobre a temática do fantástico e do mistério.

1977 é o ano da morte do companheiro Paulo Emilio Salles Gomes. Após lutar pela manutenção e reforma do prédio da Cinemateca Brasileira, Paulo Emilio não resiste e morre de enfarto, aos 61 anos. Certamente as dificuldades em erguer uma cinemateca nos moldes da francesa, pela qual tanto lutou, e o fato de se deparar com a realidade nacional, marcada pela censura e autoritarismo, o atingiram duramente, como sugere seu biógrafo José Inácio de Mello Souza em *Paulo Emilio no Paraíso*. A ausência do companheiro de vida e de arte, do homem de cultura que enaltecia o cinema brasileiro, será sempre ressaltada pela escritora, que irá substituí-lo na direção da cinemateca por dois anos. Exatos três meses depois, em 9 de dezembro de 1977, outra perda: a da amiga Clarice Lispector.

Lygia expurga essas perdas pessoais realizando um balanço de vida em textos curtos e ligados entre si. Um novo enfoque na sua literatura, quando, pela primeira vez, escreve sobre sua vida, processo de criação e a infância, além de abordar questões femininas suscitadas à época, como o uso da pílula e a profissionalização do escritor. *A disciplina do amor*, de 1980, mescla memória e ficção, algo que será retomado vinte anos depois na sua trilogia da memória, os livros *Invenção e memória* (2000), *Durante aquele estranho chá* (2002) e *Conspiração de Nuvens* (2007). De todo modo, vale lembrar que em

todos esses livros não há o relato preciso de lembranças, uma vez que a autora sempre irá explorar os limites entre autobiografia e criação literária.

Lançado em 1989, o quarto romance de Lygia, *As horas nuas*, traz uma inovação. Pela primeira vez, a personagem principal de um romance seu não é uma jovem, como Virgínia, de *Ciranda de pedra*; Raíza, de *Verão no aquário* e as três jovens de *As meninas*. Trata-se da história de uma atriz em decadência, Rosa Ambrósio, que passa seus dias em meio a lembranças ditadas num gravador. Irônica, ri de si própria em meio às lembranças da glória enquanto espera um grande amor do passado lhe telefonar. Rosa convive apenas com a empregada Dionísia, a Diú, a filha Cordélia, que costuma se envolver com homens bem mais velhos e raramente aparece, a psicanalista Ananta Medrado, sua vizinha, e, por fim, um outro personagem decisivo, o gato Rahul, felino que passa boa parte do romance, assim como a atriz, rememorando suas vidas anteriores, avaliando feitos do passado, amores e decepções amorosas. O gato mantém um espantoso diálogo com a atriz.

Em 1995, a autora lança o premiado livro de contos *A noite escura e mais eu*, livro que trata de temas ligados às relações homem/mulher. No conto que abre o livro, “Dolly”, a autora localiza a personagem em 1923 diante do desejo de fama e prestígio prometidos pelo cinema. Dolly lembra outra personagem da autora, Ana Clara, do romance *As meninas*, de 1973. Ambas são jovens, belas, falam rápido, se drogam e almejam o sucesso a qualquer preço e, talvez por isso, acabam morrendo de forma trágica.

A memória aparece no conto “Papoulas em feltro negro”, história que narra o reencontro de uma aluna com uma antiga professora que está morrendo. O tema reafirma uma constante na sua obra, a memória. Outra constante: a morte entremeadada com o gênero fantástico no último conto, “Anão de jardim”, relato da “morte” de um anão a picaretadas. Em dois contos de *A noite escura e mais eu* há a

abordagem do tema homoerótico, algo que não é exatamente uma novidade em sua obra, uma vez que já foi tratado em seu primeiro romance, *Ciranda de pedra* (1954), com a personagem Letícia. Os contos são “Você não acha que esfriou?” e “Uma branca sombra pálida”. No primeiro, temos um “triângulo amoroso” em que uma mulher, Kori, fracassa ao tentar seduzir um homem que está apaixonado pelo seu marido. Já o segundo trata-se da visita de uma mãe ao túmulo da filha que se suicidou há pouco tempo. No seu entender, sua filha Gina vinha mantendo uma relação amorosa com Oriana, uma amiga da faculdade. Pressionada, Gina acabou se matando. O relato da mãe é repleto de preconceito, mas, sobretudo, de sentimento de culpa pelo suicídio da filha. Em entrevista, Lygia afirmou: “Nunca tive preconceitos, mesmo na época em que eram bem mais fortes. Isso é muito bom para a escritora, de poder lidar com qualquer tema com verdade. Veja na destinação do ser essa esplêndida liberdade. Num planeta tão difícil será que também o sexo deve pesar? Ora, é muita dificuldade a ser enfrentada. Além dessa nossa condição, somar a questão da preferência sexual?”. De fato, a literatura lygiana tem um grande sentido de libertação porque a toda hora podemos nos ver nos preconceitos das suas personagens. A indiferença, o racismo e elitismo estão na sua obra servindo de espelho para nós. Há contos sobre o racismo (ver o conto *A Medalha*); a eutanásia (conto *Boa Noite Maria*), o adultério (conto *O Menino*), dentre tantos temas.

Os livros mais recentes da autora são marcados pelo registro autobiográfico e memorialístico. É o retorno ao passado, ao paraíso perdido da infância e juventude, assim como, às lembranças de amigos escritores. São obras memorialistas mescladas por elementos ficcionais, em que relembra viagens, faz perfis de amigos escritores e relembra viagens. *Invenção e memória*, *Durante aquele estranho chá* e *Conspiração de Nuvens* abordam episódios, sobretudo vividos na 2ª Guerra Mundial, como a infância vivida nas cidades do interior de São Paulo e a juventude numa capital ainda pacata.

Residindo no bairro dos Jardins, membro da Academia Brasileira de Letras, premiada em 2005 com o Camões, a maior distinção literária da língua portuguesa, Lygia Fagundes Telles continua exercendo o ofício. Sua vasta obra possibilita leituras multifacetadas, sendo escorregadio represá-la numa classificação. Assumindo-se de forte influência machadiana, a autora não dispensa a ironia, o ambíguo, o humor sutil, exercitando um texto que acontece via monólogo interior. De temática sempre urbana, costuma explorar um narrador fragmentado, em que a sintaxe muitas vezes é desprezada com diálogos em forma de discurso direto.

Não esquecer a linha próxima do gênero fantástico (sobretudo nos contos), que, com frequência, mescla mistério e suspense em torno do tema da morte, como nos contos “O noivo”, “Noturno amarelo”, “Tigrela”, “WM”, “A mão no ombro”, “As formigas”, “A caçada” etc. Temas como a morte (presente nos contos “Venha ver o pôr-do-sol”, “Antes do baile verde”, “Natal na barca”); a solidão (contos “Boa-noite, Maria”, “Senhor diretor”, “Um chá bem forte e três xícaras”, “Meia-noite em ponto em Xangai” e o romance *As horas nuas*); a loucura, nos romances *Ciranda de pedra* e *As horas nuas*; o registro da decadência da burguesia (conto “O espartilho”), a eutanásia (“Boa noite, Maria”), são alguns que podemos ressaltar. Vamos encontrar ainda o registro do esfacelamento familiar explorado a partir de famílias em suas crises morais e financeiras, deflagrando todo um panorama de decadência burguês. São personagens às voltas com rejeição e sentimento de culpa, como nos casos das protagonistas dos romances *Ciranda de pedra* e *Verão no aquário*. Há também grande quantidade de histórias que atualizam a relação homem/mulher, conforme os contos “A ceia”, “Apenas um saxofone”, “Você não acha que esfriou?”, “A estrutura da bolha de sabão”, “A sauna”, “Um chá bem forte e três xícaras” etc., com destaque para protagonistas mulheres.

Vertentes que a toda hora se confundem numa obra em que temas como solidão, loucura, morte, choque de gerações e a mudança de costumes são algumas de suas marcas. Lygia escreve expondo nossos medos e desejos, às vezes sombrios, perversos, mas necessários para mostrar que somos capazes dos atos mais grandiosos e cruéis. Uma obra engajada porque repleta de situações humanas: o enamorado que leva a namorada e a trancafia num mausoléu (conto “Venha ver o pôr-do-sol”); a mãe que trai o marido numa sala escura de cinema às vistas do filho, um garoto (conto “O menino”); a mulher que provoca o suicídio do amado (conto “Apenas um saxofone”); o homem que rouba a perna mecânica da mulher na noite de núpcias (conto “Helga”) e tantos outros são exemplos de histórias demasiadamente humanas, em que expõe crueldade, egoísmo, ciúme, inveja etc., tornando-os próximos de nós. O *olhar* é o da ficcionista interessada em desvendar os desvãos da condição humana. Elas costumam “acabar” com “finais abertos”, ou seja, boa parte delas “terminam” sem seguir o esquema começo-meio-fim. Enfim, com seus tantos contos e romances, Lygia Fagundes Telles registra as relações humanas, feitas de bons gestos, mas também de pequenas iniquidades cotidianas.